

O MOVIMENTO INSURRECCIONAL

Os reforços militares que os revolucionários têm recebido do Minho têm sido dificultados no seu desembarque pelo fogo das tropas fieis à situação

PERANTE A LUTA

Queremos ser livres!

Os aspectos da sociedade portuguesa podem variar de instante a instante, que não se torna diferente o nosso inquebrantável amor pela liberdade. Se nos confrange o espírito um aspecto da sociedade que possa significar uma restrição mais no que os homens, melhor do que nos acontecimentos, consideram uma conquista do século, não nos deixamos embalar quando o mesmo aspecto possa revestir-se de uma tinta de progresso.

Nenhuma acontecimento social pode ser já diminuído pela vontade dos homens, ainda que alguns se mostrem bastante poderosos. O espírito humano é invulnerável e todas as suas forças desenvolveram-se, até os nossos dias, com tal grandeza, que o seu triunfo se apresenta indelutável, se bem uma sociedade possa manifestar-se, por qualquer forma violenta ou suave, refractária ao progresso realizado pela humanidade.

Nenhuma aventureiro pode, em nossos tempos, arvorar o balseão da Liberdade apenas para servir interesses de partido, de casta ou de seita. O ideal é incomensurável nas almas, porisso a liberdade não é objecto de assombro ou prerrogativa. E quando se erga o balseão da Liberdade, os aventureiros ficam confundidos na multidão ansiosa, ficam mais ínfimos que a mais modesta aspiração de ser-se livre e bom.

Os acontecimentos no mundo são, hoje, mais rápidos e mais decisivos. A radiotelegrafia, a imprensa, a aviação, os transatlânticos e os expressos, são maravilhosas conquistas do esforço progressivo da humanidade. Um acontecimento produzido em qualquer ponto do universo torna-se rapidamente conhecido por todo o género humano, ainda que, na terra, haja quem se empenhe inutilmente em diminuir ou derivar segundo seus particulares desígnios o acontecimento produzido. E as conquistas fazem o indivíduo cada vez mais cioso da sua personalidade e fazem as sociedades cada vez mais orgulhosas do seu progresso, porisso que os aventureiros não terão forças para esmagar uma simples aspiração humana, porque ela vencerá sempre, primeiro, nas almas e, por fim, nos factos.

O ideal da Liberdade é amplo e dá guarida a todas as aspirações. O triunfo de uma dessas aspirações pode marcar grandiosamente o triunfo de uma sociedade; a derrota da mesma aspiração pode atestar o declínio da sociedade; em qualquer circunstância, porém, o espírito humano nunca deixará de progredir, desenvolver-se, transformando sociedades, civilizações, culturas, regimes e, mesmo, a psicologia dos indivíduos e das multidões.

O mundo é um grande quadro dessa luta pelo ideal que mais aca-

lenta os indivíduos. Consoante as circunstâncias morais e sociais, o ideal poderá sintetizar-se numa aspiração.

Na China, a luta pela independência nacional e contra a opressão estrangeira é uma aspiração dos que se revoltaram; na Rússia, o despotismo do czar foi o grito da guerra do povo em rebelião; na Turquia, derrubou-se uma civilização velhíssima e abraçou-se a fórmula democrática dos modernos estados; os domínios britânicos teriam feito a guerra mais cruenta se a Inglaterra não os emancipasse da tutela; e o bárbaro Riff não deixou ainda de manifestar o seu ódio ao usurpador. Uma vez triunfante essa aspiração, passa a dominar uma autocracia de qualquer carácter, mas a necessidade de prosseguir bem depressa se faz sentir no povo—e outra aspiração se torna reivindicadora.

Na actualidade, os povos que não sentem uma dominação estranha na sua vida nacional, sentem, todavia, a necessidade moral e social de fazer vingar uma aspiração que mais os aproxime da última afirmação do pensamento humano. E' assim que se assiste a uma luta persistente entre as democracias que pretendem evoluir, acompanhando as aspirações humanas, com o único fito de não se extinguir os princípios da autoridade colectiva, e as fórmulas já condenadas pelo século por conterem princípios de autoridade absoluta e representarem intentos regressivos que constrangeriam o cérebro e o espírito.

Poder-se-ia julgar, porque a lógica é uma coisa muito relativa, que as nossas aspirações de liberdade mais próximas estivessem do desejo de que triunfem as democracias.

Apenas desejamos, porém, que as fórmulas regressivas não triunfem.

O triunfo das democracias não nos fará esquecer o nosso ideal de Liberdade, nem menosprezar o que se tiver conquistado.

Não apoiaremos uma fórmula regressiva quando ela triunfasse definitivamente—se isso fosse possível—por razão igual à de que já-mais combateríamos uma fórmula que, por antagónica, vencesse um progresso se bem restrito.

E' que nós, em suma, unicamente, aspiramos a ser livres, infinitamente livres...

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

—DE—

Juliano Quintinha

2.ª Edição—Escudos 8\$00

A' venda em todas as livrarias.—Pedidos a secção de Livraria de A Batalha

O DECURSO DOS ACONTECIMENTOS

Prossegue a resistência dos revoltosos às tropas fiéis ao governo

Em Lisboa continuam suspensas as garantias, sendo mantido rigorosamente o estado de sítio

Como em Varsóvia...

A cidade acordou ontem sob um ambiente de desconfiança. Obrigada a recolher às 22 horas, em toda a noite aguardou impaciente o troar do canhão. Porém o sossego foi quase absoluto.

Uma ou outra força militar que se deslocava, é que cortou por vezes o silêncio nocturno. Mas quando a tiroteio nada, absolutamente nada. Dir-se-ia que vivíamos na maior tranquilidade...

Quando a alva rompeu e o alfacinha percorreu ávido os jornais e os centros de cavaco, ficou ainda mais sobressaltado do que esteve durante a noite.

Não havia nada, asseveravam os jornais, mas junto aos quartéis, em volta do Governo Civil, em torno dos ministérios notava-se qualquer coisa de misterioso, que dava ao cidadão a certeza de que algo de grave se passava.

No Terreiro do Paço essa desconfiança aumentava. Os serviços ferroviários estavam paralisados.

Estão paralisados os serviços ferroviários do Sul e Sueste

A's 5 horas da manhã de ontem o pessoal ferroviário abandonou as estações e comboios, recolhendo a suas casas.

Todo o material ferroviário que se encontrava no Barreiro foi transportado para Casa Branca.

A estação do Barreiro foi tomada por cerca de 150 praças do Batalhão de Sapadores do Caminho de Ferro.

Um comboio de tropas revoltosas atacado pelas do governo.

Segundo consta, as tropas governamentais abriram fogo contra um comboio de forças revoltosas que chegaram a Campanhã onde desembarcaram cerca das 7,40 da manhã.

A rendição dos revoltosos desmentida pelo governo

O sr. Sinel de Cordes, ministro das finanças, que se encontra internamente ocupando a pasta da guerra, declarou ontem de manhã à imprensa, por intermédio do seu chefe de gabinete, que é destituída de fundamento a rendição dos insurrectos no Porto.

O assalto à "mess" dos oficiais foi feito de surpresa

O tenente do exército marquês de Ficalho não foi ferido no ataque à mess dos oficiais no Porto, conforme se propalou. Em Coimbra este oficial, afecto ao governo, referiu da seguinte maneira o que com ele se passou:

«Eu estava deitado, na mess dos oficiais, quando rebentou a revolta. Percebendo que havia qualquer coisa de anormal, vesti-me e fui à porta. Procurei levar comigo o ministro do Comércio, para o Quartel General, mas era impossível. Sai, então, pelos muros das traceiras; atravessei alguns quintais e, passada a rua do Freixo, meti-me num barco e fui para o meu quartel na Serra do Pilar. A's 11 horas, vim a Aveiro, de automóvel, numa missão oficial. E agora, vou apresentar-me ao ministro da Guerra.»

A prisão de jornalistas

Numerosos jornalistas reuniram-se ontem no átrio do governo civil com o fim de visitarem os seus colegas José do Vale, do Rebate, Alcoforado da Gama, da Informação. Uma comissão falou com o comissário de serviço que lhe respondeu não poder consentir na visita visto os presos estarem incomunicáveis.

O Minho e Douro está nas mãos dos revoltosos

Os Caminhos de Ferro do Minho e Douro estão em poder dos revolucionários que colocaram a dirigidos o capitão sr. Pina de Moraes, ex-deputado esquerdista.

Um homem ferido a tiro na estrada de Sacavem

Cerca das 21 horas, encontrava-se numa taberna existente na estrada de Sacavem, um grupo de indivíduos, quando a certa altura ali apareceu uma patrulha da G. N. R. que os intimou a abandonar o estabelecimento.

Um dos referidos indivíduos respondeu à intimativa com um tiro, respondendo-lhe a patrulha no mesmo tom, trocando-se vivo tiroteio.

Apareceu a polícia da esquadra de Arroios sendo por fim presos todos os presentes, em numero de dezasseis, que seguiram de-

pois, debaixo de escolta da guarda republicana, para a governo civil.

Da refrega saindo atingido com um tiro nas costas, Anastácio Augusto de Campos, de 22 anos, residente no pátio Carlos Dias, que foi conduzido ao Hospital de São José, recolhendo depois de pensado à enfermaria de Santo António.

Raúl Prouença

O conhecido escritor e panfletário sr. Raúl Prouença encontra-se no Porto tendo aderido à revolta. Anda armado como os outros civis que colaboram no movimento.

Noticias diversas

O ministro das Finanças sr. Sinel de Cordes mandou encerrar todas as repartições dependentes do ministério cerca das 16 horas.

Esta ordem, que foi rigorosamente cumprida por todos os funcionários, foi dada em virtude dos insistentes boatos que circulavam anunciando, que haveria de tarde alteração da ordem pública em Lisboa.

Em volta dos quartéis estão postadas vedetas a fim de evitarem assaltos.

Por ordem do governo não circularam ontem os jornais O Mundo, A Informação e O Rebate.

Cerca das 22 horas, na rua Gilberto Rôla, frente ao Grémio Republicano de Alcântara, foi preso um sargento do exército que trajava à paisana.

Ontem à tarde, à esquina da calçada do Sacramento, foram presos os nossos camaradas António Costa, Augusto de Sousa e outro impressor, acusados de distribuírem manifestos clandestinos.

Seguiram para o Governo Civil.

Forças de caçadores 5 e Sapadores do Caminhos de Ferro estão de guarda aos ministérios, circulando sob as arcadas patrulhas de cavalaria e infantaria da G. N. R.

Desde as 15 horas que o Rossio se encontra patrulhado por forças de polícia e da G. N. R., estando postado em frente da esquadra do Teatro Nacional um esquadra da G. N. R.

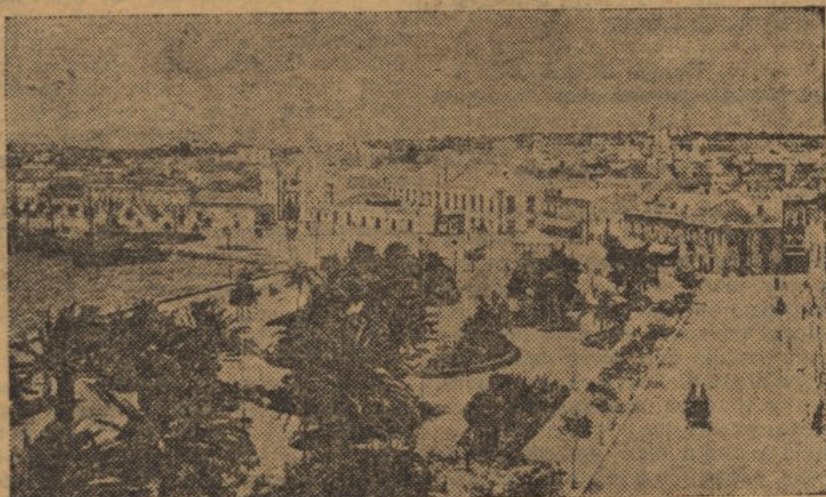
A brigada de mecânicos da Armada recebeu ordem para fornecer pessoal para os caminhos de ferro do Estado.

O ministro da Agricultura esteve durante a madrugada de ontem algum tempo na esquadra do teatro Nacional, onde conferenciou com o tenente coronel Ferreira do Amaral.

O cruzador «Carvalho Araújo» foi guardado com mais oficiais e praças, a fim de recolher presos, bem como o vapor «Patrão Lopes». Mas, por enquanto, não há nenhum preso a bordo.

As estações do Sul e Sueste de Setúbal ao Lavradio encontram-se ocupadas por destacamentos de 10 e 15 praças de infantaria 11.

Em Viseu, Lamego e Figueira da Foz ainda se chegaram a produzir alguns levantamentos militares. Segundo o Correio da Manhã os sargentos naquela ultima cidade



FARO.—Vista parcial da cidade

E um pouco mais adiante, no Arsenal, fôra ordenado ao pessoal operário o abandono do serviço como medida de prevenção. Ora tudo isto dava a entender ao alfacinha desprevenido que os revoltosos do Porto não se renderam como os matutinos diziam.

O sossego é absoluto...

A's 14 horas a cidade oferece outro aspecto.

Uma hora depois o Rossio é ocupado militarmente. A todas as embocaduras foram postadas forças da polícia e da G. N. R. Pela praça ninguém transita. Apenas D. Pedro IV, estático, observa os acontecimentos.

Um popular, dêsse a quem nunca falta o espírito, comentando a medida, explica: —Estão a cercar D. Pedro IV por ele ser constitucionalista.

Entretanto, a polícia manda fechar todos os estabelecimentos da cidade. A ordem é cumprida imediatamente.

Na Baixa, o correr das portas onduladas, irradia um som agudo, impressionante. Os escritórios e as principais casas são abandonadas pelos seus empregados.

Os eléctricos começam a recolher aos car-barns. Alguns que aparecem fazem as carreiras por percursos diversos dos normais. Os serviços públicos terminaram às 16 horas por ordem do governo.

A's 17 horas a fisionomia da cidade era de plena revolução. Todos os estabelecimentos fechados e o movimento urbano reduzido ao trânsito de peões. Automóveis, carros, trens, etc., etc., recolheram às garages e cocheiras. Com custo se conseguia uma casa para tomar uma refeição.

A fisionomia da cidade não se modificou depois, visto os estabelecimentos não voltarem a abrir e pelas ruas continuar a circulação de tropas.

Tentativa de assalto a uma esquadra

A's 22 horas ouviram-se tiros por o lado da Esperança. Procurando informações soube-se que um grupo de civis tentara assaltar a esquadra do Caminho Novo sendo repellidos a tiro pelas sentinelas. O grupo assaltante dispersou em seguida.

As forças dos revoltosos no Porto, segundo a versão oficial

Segundo uma nota enviada ao «Portugal», órgão do governo, as revoltosos estavam às 5 horas da madrugada com as seguintes forças: caçadores 9, infantaria 6 e G. N. R. De Póvoa de Varzim desembarcaram naquela cidade as tropas de Póvoa de Varzim, grupo de metralhadoras e companhia de saúde.

Os revoltosos têm também a seu lado forças militares de Penafiel.

Os civis afectos ao movimento encontram-se armados, havendo entrincheiramentos na praça da Batalha.

Na Barquinha foram presos 5 civis

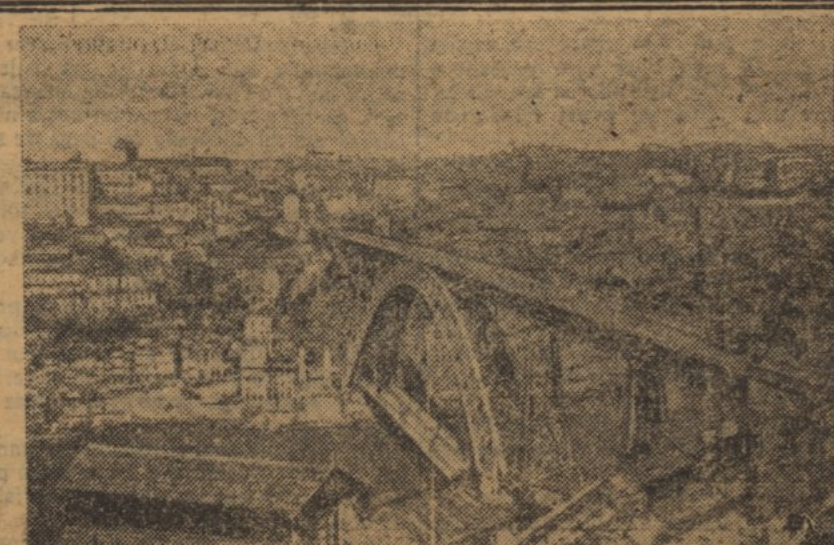
Na Barquinha foram presos por suspeita o alferes reformado Freitas, fiscal do governo junto da C. P., o comerciante Joaquim Serra, o secretário de finanças Esteves e os correspondentes do Seculo e do Notícias. O primeiro que se encontra doente ficou guardado em casa.

No Norte travaram-se ontem renhidos combates

Segundo informações que reputamos de seguras, durante toda a manhã de ontem, no Norte, travaram-se renhidos combates e metralhadoras. A' uma hora da tarde a luta prosseguia ainda com grande energia, sem que houvesse um resultado decisivo para qualquer dos lados.



PORTO.—Cruzamento das ruas Sá da Bandeira e 31 de Janeiro, a última das quais liga a praça da Liberdade com a da Batalha, onde se entrincheiram revolucionários



PORTO.—A Ponte de D. Luís

conseguiram sublevar o regimento, tomando depois a direcção da Pampilhosa, onde, segundo informação do Portugal, tiveram de render-se às forças do governo.

Foram dadas ordens a todas as praças da Armada para recolher imediatamente às suas unidades.

No número dos revoltosos encontram-se os srs. dr. José Domingues dos Santos, dr. Alfredo Nordeste, Raúl Proença e dr. Bernardino Machado. O distintivo de revolucionário é uma dupla roseta vermelha, sobre fundo branco.

Foram ontem postos em liberdade Lima de Freitas, Raúl Torres dos Santos e Manuel Gonçalves André, tipógrafos do *Mundo* que tinham sido presos a quando do assalto feito pela polícia àquele jornal.

A atitude dos jornais monárquicos

Todos os jornais monárquicos assumem perante o movimento uma atitude de hostilidade; nem outra coisa seria de esperar das suas convicções políticas adversas à dos partidos políticos que, com excepção daquele que o sr. Cunha Leal chefia, se solidarizaram em absoluto com os que pegaram em armas contra a situação.

O *Correio da Manhã* jogou quasi no início do seu editorial esta esteira:

«A opinião pública—factor de primeira ordem, sempre, mormente nestas ocasiões—se bem que não tenha manifestado pela actual situação uma simpatia que seja de invejar...»

Manifestamente mal humorado acusa de versatilidade certos elementos do exército como se concluiu do que passamos a reproduzir:

«Podem também pelo mesmo relato avariar os nossos leitores da extensão desse movimento, sabido como é, que, desde que não haja uniformidade no sinal do início, muitos dos elementos comprometidos, esquecem facilmente os juramentos prestados, para só se apresentarem, se a vitória pendesse manifestamente para os revolucionários amigos, pois, de contrário, ficariam neutros, ou ajudariam a combater aqueles que se haviam comprometido a auxiliar.»

E define deste modo a atitude da causa monárquica:

«A Causa Monárquica, assiste ao desenrolar dos acontecimentos com a preocupação natural de portugueses, pelas consequências desastrosas que poderia ter, perante o estrangeiro, a luta entre irmãos, caso esta revolta não fosse prontamente sufocada, e como causa conservadora que é, faz votos para que triunfem agora como sempre, os princípios da ordem e da disciplina, que são a base das nações bem organizadas.»

O monárquico sr. Fernando de Sousa Neno, no seu jornal *A Voz*, que é o sucessor da *Epoca*, depois de afirmar uma fé e uma confiança inabaláveis no futuro ataca veementemente o movimento e dá o seu apoio ao governo nas seguintes frases bastante enérgicas e decisivas:

«É inabitável que o governo logre dominar esta aventura odiosa dos seus inimigos, que se houvera porventura evitado com um bocado mais de energia em prevenir o mal.»

Perante os factos consumados, cuja génese é ocioso procurar, o que importa é evitar a sua repetição.

A brandura anterior deve suceder prudente energia e perspicaz providência.

O prestígio que ao governo dará o triunfo sobre uma aventura subversiva da ordem deve-se robustecer pela decisão no governar, pela cabal execução do programa, que é a sua razão de ser, por um saneamento administrativo, que ponha cobro à invasão dos inimigos no coração da praça.

Faça-se compreender aos aventureiros políticos, aos empresários de revoluções sangrentas, que esse carnaval sinistro, que nos desonra, tem de acabar de vez, mediante a mais severa repressão das tentativas revolucionárias.

Ociosas são mais largas considerações neste momento.

O dever patriótico dos homens de ordem, dos bons portugueses, é, nesta hora, o de darem ao governo o apoio moral e material de que careça para bem da nação, para assegurar a tranquilidade e a paz, para contrastar as veleidades de desordem dos estrangeiros do interior, que nas trevas maquinaram a reabertura do ciclo de revoluções, tristemente assinalado na vida nacional.»

SERVIÇO DE ARMAZENS GERAIS

Concurso para a adjudicação da compra de zarcão

ANÚNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 24 do próximo mês de Fevereiro, pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de S. Mamede, n.º 63, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de seis mil quilos de zarcão.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectua em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 13 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito de sessenta escudos.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessária para prefezer 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este reforço terá de efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazéns Gerais, Calçada do Cordeiro Velho, 17, 1.ª, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 26 de Janeiro de 1977. — O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazéns Gerais, (a) *Felto Terenas*.

«A Batalha» no funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

QUESTÕES DOUTRINARIAS

Diversos conceitos de liberdade

O problema é, com efeito, importante e urgente, porque os tempos novos amadurecem rapidamente e, dum momento para o outro, podemos encontrar-nos em presença duma situação que não nos permita discutir, antes nos obrigue a uma acção rápida para a qual precisamos de ir preparando os nossos «espíritos». Assim, eu convidei, por meu turno, todos os camaradas a estudar a questão e a apreciá-la em todos os seus aspectos. As linhas que seguem, não são mais do que a minha contribuição para a discussão do problema.

Entre Constituinte e Ditadura não há diferença essencial. Uma e outra são poderes que concentram, ou procuram concentrar, nas suas mãos, todas as forças sociais para impor à colectividade os seus próprios interesses. Nas suas modernas fórmulas, mais ou menos revolucionárias, a Constituinte ou a Ditadura procedem em nome do «povo soberano», ou em nome do «proletariado consciente e evoluído»; mas, em realidade, sempre pequenas minorias que abafam toda a livre iniciativa, impondo ao «povo» ou ao «proletariado», quer dizer, a todos e especialmente aos trabalhadores, o predomínio dum casta ou dum partido, quando não se dá o estranho facto da imposição ser feita por um pequeno número de indivíduos ou por um só. Portanto, se alguma diferença existe entre Constituinte e Ditadura, é uma simples diferença de grau ou de habilidade, que não se pode olvidar, visto que, fundamentalmente, na vida e na história, tudo é questão de grau e de habilidade.

Suponhamos a Ditadura atingida. Que é a Ditadura? É o pequeno grupo que constitui um organismo militar e burocrático, por meio do qual exerce o seu domínio e está sempre pronto a esmagar, pela força brutal, toda a tentativa de resistência.

A Constituinte é ainda a luta entre partidos para conquistar o predomínio e impor, de facto e de direito, a sua própria ditadura.

A Ditadura é o capacete de chumbo, é a supressão violenta, desavergonhada, de toda a liberdade. Contra ela, só há uma resistência possível: a conspiração e a revolta armada.

Por causa das divergências e da luta entre os partidos, a Constituinte é obrigada a apelar para o consentimento da maioria, enquanto um dos partidos não tiver força para se impor. Neste caso, a Constituinte deve ter em linha de conta as correntes de opinião que agitam a massa popular, e, por consequência, deixa algumas fugas à liberdade.

Assim, se verdadeiramente não houvesse outras portas de saída além da Ditadura e da Constituinte, nós não podíamos senão preferir esta, àquela. Eu falo, bem entendido, duma Constituinte que se reuniria diante ou após uma insurreição contra os poderes constituídos. Porque uma Constituinte, convocada em regime monárquico para decidir da reforma da Constituição, seria uma comédia que só poderia interessar os republicanos... de Sua Magestade.

Mas, por felicidade, há um outro meio, o nosso: a acção directa das massas.

Nós devemos agir e levar as massas a agir, sem esperar que as ordens venham de um poder ou dum centro qualquer.

Antes de tudo convém reclamar e realizar o armamento geral, o armamento de todos, evitando de se cair na armadilha que

proibe o porte de armas a certas classes ou a certos partidos, sob o pretexto de desarmar os contra-revolucionários, visto que, neste caso, seríamos nós e os trabalhadores que terminaríamos por ser desarmados; e, depois, chegar-se-ia bem depressa à constituição de corpos armados especiais ao serviço do partido dominante. No estado actual, das almas, o melhor e talvez o único meio de evitar o abuso das armas as ofensas à liberdade, é o de armar todos os indivíduos, de maneira que cada um se encontre na possibilidade de defender por si próprio ou com o auxílio dos amigos e dos vizinhos, a sua própria liberdade.

Feito isto, imediatamente se deve proceder, e pelo melhor método, à expropriação dos capitalistas:

a) Ocupação pelos trabalhadores, das fábricas, oficinas, terras, navios, minas, vias férreas e outros meios de comunicação e transporte;

b) Inventário de todos os géneros de consumo disponíveis, organizando-se a distribuição e a produção por meio dos Sindicatos, das Cooperativas, das Bólsas de Trabalho, dos grupos voluntários e de todas as associações existentes ou que se constituírem segundo as necessidades imediatas;

c) Reunião de assembleias de bairros, comunais, intercomunais, regionais, nacionais que tomem as iniciativas necessárias, coordenando-as com as iniciativas particulares e levando-as à prática sem a estulta pretensão de fazer a lei para todos e impondo-a pela força aos recalcitrantes;

d) Revolta activa e armada, se for preciso, contra toda a tentativa de ditadura;

e) Recusa, como eleitores ou como eleitos, na participação de todo o corpo representativo, Constituinte ou outro qualquer organismo que pretenda ditar a lei e criar uma força armada para a fazer respeitar;

f) Deixar fazer aos outros tudo aquilo que não submermos fazer melhor do que eles, dando-nos, mesmo, por muito felizes, ao vermos os outros trabalharem por coisas úteis ou necessárias, e estando sempre dispostos a prestar a essas iniciativas o nosso concurso voluntário, desde que ele seja preciso;

g) Adaptação às condições impostas pela natureza das coisas e pelas necessidades do momento, não esquecendo a resistência a toda a pretensão no sentido de fazer intervir a força ou a lei;

h) Espírito de conciliação e de transacção levado até ao limite dos princípios fundamentais da nossa revolução, que são: 1.º O respeito pela liberdade de outrem, quando esta liberdade não lese a liberdade de ninguém; 2.º Extinção de todos os meios que obriquem o homem a deixar-se explorar.

Segundo o estado actual das nossas forças e do nível moral da população, talvez não.

Provavelmente assistiremos, ainda mais uma vez, a uma constituição infectada de autoritarismo e de privilégios.

Mas lembremo-nos que, quanto maior for a nossa actividade durante o período revolucionário, mais importantes serão as conquistas feitas directamente pelo povo; e, em antes que se imponha a revolta, mais numerosas e mais vastas serão as realizações práticas, e menos opressivos e menos tirânicos serão os resíduos da autoridade e do privilégio. Então, mais larga e mais fácil se abrirá a rota do futuro.

Errico MALATESTA

VEIRA DE LEIRIA

A arrogância e a brutalidade dos Tomés

VEIRA DE LEIRIA, 2. — As pequenas localidades referentes aos distúrbios dos Tomés, têm tudo a particular qualidade, de irritar os nossos homens, que não gostam que os jornais insiram as suas parvoíces.

Por isso a «disibilhite» da imprensa, desagrada-lhes em extremo, porquanto eles gostam muito de véxarem seja quem for, sem que uma voz forte e clamorosa rasgue o espaço, protestando com firmeza e altivez contra tanto descauto.

Não querem ainda os Tomés, que aqueles que têm a desdita de estarem sob o seu domínio, protestem contra a exploração infame e destrambelhada de que são vítimas.

E assim, vão aos arames, agitam-se, proferem ameaças, impugnando a fraternidade das localidades com quem andam de relações cortadas.

Por esta razão, aqui em Vieira de Leiria *A Batalha* tem andado de mão em mão, numa disputa grande e constante porque afinal, é este o único jornal que tem o desassombro de trazer estampada em suas colunas, tudo o que eles praticam e que avulta à nossa consciência, como indigno e revoltante.

Procedam a um inquérito e ele indicará-nos-lhe, que poucas pessoas há em Vieira de Leiria, que não tenham sido mimoseadas, com um desaire do grupo dos Tomés.

Industriais por hereditariedade, eles bem depressa, se convenceram, que de tinham não só herdado a rica e interessante indústria Limeira, mas também toda a Vieira em péso e tamanho.

Então, obsecados por essa ideia mórbida e anacrónica, entram em qualquer casa particular, sem prévia autorização dos proprietários, escangalham, remexem, viram e reviram tudo, enchendo de confusão os locais onde primam.

Ainda há pouco uma pobre mulher de nome Ana Ribeiro, que tem nos bailes que dá o único sustentáculo da sua prole, foi atingida por uma das suas estúpidas diabruras.

E foi o suficiente eles entenderem que a mulhershinha não havia de dar baile. Primeiro como os executantes de música eram seus empregados, intimaram-nos a não tocarmos em tal diversão sob pena de serem postos no chão da rua.

Os rapazes sabendo do que eles seriam capazes, acederam aos caprichos tolos de tais amos, e assim a infeliz viuva velha e doente, viu-se privada daquele ganho que afinal era a alegria do seu lar.

E se não fora a dedicação de pessoas amigas, que ante a desumanidade dos Tomés se prontificaram a ir tocar sem retribuição alguma, ainda a estas horas teríamos a viuva «boicotada», pelo grupo ajudaz «souteneuços».

Ultimamente com a questão do aumento das pautas, novamente os mesmos paquidermes puseram em relevo a sua falta... de palavra.

Foi o caso que quando tiveram conhecimento do auxílio do governo, passaram

carta de alforria a todos que trabalhavam na fábrica União, de que temos falado por diversas vezes, prometendo pagar a fêria integralmente.

Mas em ocasiões de contas os «Tomés» deram aos operários com o «tenham paciência», pois que tinham feito esse prometimento por mero espírito de «blague», e além disso para que eles andassem alegres na festança, podendo portanto imprimir certo realce, aquilo que representava a felicidade de Vieira de Leiria, «a rosa branca, aromática e graciosa dos vergeis do Lize», no dizer dos poetas que a têm visitado.

Faltaram portanto mais uma vez, áquilo que tinham prometido a criaturas, que não vivem de mentiras, de pãdegas, de tráfalices reles e ordinários, mas sim do seu trabalho honesto, honrado e probo, glorificado em pérolas cristalinhas de suor.

Mentiram cavilosamente a quem dia a dia, junto das máquinas de pitar limas e do pipilar cadenciado dos pilões se esfalta, se arraza, em troca dum mísero de salário que mal serve para ludibriar a fome cruenta e inexorável.—C.

Foi decretada pelo ministério dos Estrangeiros uma reforma consular

Saiu no *Diário do Governo* de ontem a anunciada reforma consular decretada pelo ministério dos Estrangeiros.

Por ela são suprimidos os consulados de carreira em Belo Horizonte, Cadiz, Constantinopla, Maranhã e Paraíba. E' transferida para Rio Grande a sede do Consulado de Porto Alegre. São criados consulados de 1.ª classe em Amsterdão e em Dublin, e de 2.ª em Montevideo e Havana.

São de 1.ª classe os consulados em Amsterdão, Antuérpia, Bordeaux, Bremen, Dublin, Génova, Hamburgo, Johannesburg, Liverpool, Londres, Madrid, Marselha, Nova-York, Rio de Janeiro e São Paulo, e de 2.ª classe os consulados na Baía, em Barcelona, Bombaim, Boston, Cabo, Cantão, Cardiff, Casa Branca, Gibraltar, Havana, Havre, Menaes, Montevideo, Pará, Pernambuco, Santos, São Francisco, Xangai, Tanager e Vigo; de 3.ª classe, os consulados em Badaioz, Boma, Demerara, Durban, Honolulu, Nairóbi, Rio Grande do Sul, Salamanca e Singapura. Haverá 8 consulados de 3.ª classe adjuntos aos seguintes postos: Antuérpia, Hamburgo, Liverpool, Londres, Nova-York, Paris, Rio de Janeiro e São Paulo.

Os consulados só podem ser dirigidos por funcionários da classe correspondente, e transitoriamente os consulados de carreira ficam a ser dirigidos pelos actuais titulares.

Nenhum funcionário poderá ser nomeado titular dum consulado de 3.ª classe sem ter pelo menos dois anos de serviço, como consul adjunto. Nenhum funcionário poderá ser provido em consulado da Europa ou nos de Tanager, Nova-York e Rio de Janeiro sem ter servido durante cinco anos pelo menos em algum ou alguns dos outros consulados de carreira.

Leiam o Suplemento de A BATALHA

CARTA DO LOBITO

A influência jesuítica nos caminhos de ferro de Benguela

Lobito, 5 de Janeiro.—O operário Aurélio da Costa Ferraz foi despedido da Companhia de Benguela. O pretexto foi uma discussão que ele teve com o director, porque certo dia sendo ele chauffeur dum moto-car—automóvel de linha que aqui se usam—serviu para onde tinha passado a seu pedido, transportava só o director. Entre os quilómetros 50 e 54, há uma crema-lheira de 3 quilómetros e meio, devido à grande inclinação do terreno e onde trabalham máquinas especiais, mas os moto-cars sobem sem qualquer auxílio. Contudo, nesse dia, o moto-car não subiu e teve que regressar ao Lobito, indo depois com outro chauffeur. O director ficou bravo, e disse-lhe meia dúzia de coisas desagradáveis, por não dar conta do recado. O director logo o mandou apontar no livro negro—para, quando terminasse o contrato, ser dispensado do serviço, e assim fizeram.

Dizem-me ter sido acusado o director por um tal D. Tomás, que se diz engenheiro e que anda fazendo toda a qualidade de papéis, para se aninhar como Chefe do Serviço de Tracção, e, ao que consta, o Chefe «William Clark» vai ser reformado à força, para se fazer a vontade ao menino. Este D. Tomás, esteve na Carris de Lisboa há dois ou três anos. Veio para aqui com ares de grande sabedoria e afinal ainda não mostrou saber coisa alguma; se não fossem os bons operários que cá existem, bom mestre e bons encarregados de oficinas, bons chefes de depósito e bons maquinistas, nada faria, porque não sabe, e como isto está carilheiro e a andar, nada custa assinar meia dúzia de documentos.

Mas é provável que consiga os seus fins, visto que também pertence à Companhia de Jesus, que há uns 3 anos aqui se instalou. A acusação que fez, foi de que Ferraz recebia na sua caixa postal, e correspondência que do interior os camaradas enviavam para o litoral, para um comité que se tinha organizado para fazer manter as regalias conquistadas e pedir mais algumas como seja a de admissão no quadro dum grande número de empregados e operários, e que o director pouco a pouco, conforme proposta dos chefes de serviço, tem mandado admitir, mas algum, com franqueza, não merecem nem fazer por isso. Ora o acusador, está no seu papel de defender os interesses da Companhia, na qualidade de empregado superior da Companhia, visto que é o sub-chefe do serviço de Tracção, mas indigno é aquele camarada que lho foi dizer, pois, sem dúvida, de entre os camaradas, algum traidor—fez a denúncia. Estes são os motivos principais.

É preciso notar que este Ferraz, não primava pela sua competência e tinha uma língua muito comprida; já há tempos por vontade do chefe de Tracção ele esteve para ser dispensado pela sua incompetência, mas agora, diz-me o mestre geral das oficinas, Marcolino Osório, boa criatura e experimentado, que ele se estava dedicando e que por vontade dele não se importaria que ele continuasse, mas o director é que deu ordem para ser dispensado. E' o caminho que espera a todos aqueles que sejam liberais, pois que desde que veio para aqui, como sub-director, hoje director, Henrique da Fonseca Chaves, que aí esteve na Companhia Previdente e creio que também no Sul e Sueste, com a sua esposa, que se diz prima de Paiva Conceição, logo começou a fomentar-se a intriga jesuítica, pois essa senhora descia, a andar de casa em casa de empregados superiores e inferiores, a fazer a sua propaganda, a favor da causa monárquica e religiosa e construção dum capela

no Lobito, e semanalmente começou a mandar vir de Benguela, um marmarço que ali vive e a quem é dado um passe e todas as facilidades que ele exija a dizer missa, armando-se para isso, numa das varandas da sua residência, uma espécie de capela. Escusado será dizer que esta gente, que gosta e tem feito de ser capacho e ajudar à intriga, lá ia, ou mandavam as mulheres e filhos assistir à missa, para assim estar na boa graça do patrão jesuíta.

Como só este não chegasse para uma boa propaganda, pois até, então, sempre se tinha dispensado tal crença, e foi quando os empregados viveram sempre como uma só família, tratou-se de mandar vir mais alguns acolitos para o colo. Com a saída do director-engenheiro Zacarias Santana, homem recto e justiciero, a quem o pessoal deve algumas regalias, que estes agora estão a tirar, ficou como director Henrique Chaves e para sub-director veio Gonçalo Cabral, sobrinho do célebre padre Cabral (Gonzaga) do colégio de Campolide, um semi-engenheiro, Costa Guimarães, para os telegrafos e relógios, o tal Tomás da Câmara para sub-chefe da Tracção, para chefe do serviço de Saude, o dr. Pinto e Cruz e para sub-chefe de Via e Obras, um tal Alfredo Marques, tudo isto é gente que faz parte do *Cabido*, acolitados por um grande número de inconscientes e velhacos, empregados e operários, que nunca quiseram saber da religião para coisa alguma, que nunca esta aqui lhe fez falta, fazem uma pressão tal contra todos os liberais, que origina estar todo o pessoal da Companhia em guerra aberta um contra o outro, tendo havido já algumas insubordinações dos falsos religiosos que têm sido sempre relevadas com grave prejuízo da boa ordem de trabalho; pois estas indisciplinações são protegidas enquanto os liberais cumpridores e respeitadores são apontados como inimigos da ordem.

Destas divergências resulta, na maioria dos casos, prejuízo para o bom andamento do serviço. Dizem que nunca, durante muitos anos, da directoria do falecido Mariano Machado, se viu a desunião do pessoal como agora, devido a ter-se infiltrado na Companhia a política religiosa.

Também é frísante que quando há a infelicidade de morrer algum camarada ou pessoa de família logo qualquer das pessoas atrás indicadas toma a incumbência de mandar chamar a Benguela o padre para acompanhar o funeral. Camaradas há que têm deixado de se incorporar, motivado pela presença do sotaina.

Tudo o pessoal dos Caminhos de Ferro de Benguela devem organizar o seu sindicato, para que, solidariamente, tratem da sua única religião, que deve ser a emancipação do jugo capitalista, pois com essa humilhação não só se prejudicam a si próprios como os demais camaradas, que ao primeiro sinal de revolta, são logo apontados para seguirem o caminho de Ferraz e outros.

Há falta de organização sindical, num meio que já vai sendo muito grande; é pena, pois dentro dos Caminhos de Ferro há boas criaturas organizadoras e de espírito desemboçado, liberais em toda a acepção da palavra. Aqui só fervilha a intriga, unicamente para atingir meia dúzia de camaradas que têm a hombridade de se manifestarem e exporem na defesa das regalias conquistadas e a conquistar, mas que infelizmente não são secundados por aqueles que no final deviam ser os maiores defensores, pois são aqueles a quem as regalias mais beneficiam.—E.

No forte de Monsanto

O operário José da Silva escreve-nos do forte de Monsanto, onde se encontra preso, relatando-nos que o tenente Pereira de Almeida, que faz serviço no posto da G. N. R., várias vezes se tem comportado de maneira a causar protestos e queixas dos presos.

Os guardas daquele posto intrometem-se com os presos, insultando as próprias mulheres que os visitam. Os presos queixam-se ao tenente Parreira mas este oficial nenhum caso faz, como se a mulher de um preso não fosse tão digna como qualquer outra.

Quando as mulheres se dispõem a queixar-se superiormente, os guardas cobrem o número, negando depois que sejam os autores de enxovalhos.

Os presos desejariam que a energia do tenente Parreira, tão directamente sentida por eles, não pousasse os seus subordinados, visto que a dignidade dos reclusos e de suas famílias são igualmente respeitáveis.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 3.618, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 100 réis. Os sindicatos que desejarem adquirir quantidades maiores têm um abutimento de 30 por cento em relação ao preço de 10 folhetos.

Debilis a comit. istracão de A BATALHA

CONSELHO TECNICO

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 33-2. 2.º

Leiam o Suplemento de A BATALHA

Ultimas notícias

Os acontecimentos

Prosseguem os duelos de artilharia

Os duelos de artilharia travados no Norte atingiram o máximo de intensidade entre os revoltosos da Serra do Pilar e as tropas do governo ocupantes da Serra da Boa Viagem.

O PODER DE DEUS E O PODER DO HOMEM

«Deus é onipotente...»

Quere dizer: Deus tudo pode.

E' isto o que dizem os que se intitulam representantes de Cristo na terra. Mas vou mostrar-vos como é enganosa esta afirmação; porque tendo afirmado que Deus não existe, era inútil discutir o poder de Deus, que não existe também. No entanto, quero apenas pôr-vos em frente das contradições em que caem os sacerdotes duma religião absurda.

Quero mostrar os grandes erros em que caem constantemente, não só os ministros dessa religião, como os seus mais afortunados crentes.

De facto, eles, que a toda a hora afirmam o poder de Deus, não só mostram na prática da vida a sua pouca confiança nesse poder, como até reconhecem muitas vezes o poder do homem, superior ao poder de Deus.

Reparai: os sacerdotes implorando do céu por intermédio da Virgem os favores de Deus, reconhecem à Virgem um poder igual ao do mesmo Deus. E os crentes, que imploram fervorosamente dos santos, seus favoritos, a realização dos milagres que os possam interessar?

Cada santo com o seu género de milagres, com a sua clientela especial, contribui para diminuir o poder e o prestígio de Deus. Porque vos afirmo que o crente que levanta na sua alma um culto fervoroso ao santo da sua devoção, não pensa sequer na existência de Deus? Para ele, Deus é apenas aquele santo, a quem ele se dirige para suplicar os mais disparatados favores.

Adora, assim, um ídolo, incorrendo nas penas indicadas pela Bíblia dos idolatras e herejes.

Se Deus existisse, e fôsse na verdade onipotente, não haveria toda essa enorme corte de santos, inventados pelos padres para melhor captarem as diversas manifestações.

E são os próprios padres que, admitindo o poder milagreiro dos santos, negam o poder absoluto de Deus. E negar o poder absoluto de Deus é negar a existência do próprio Deus.

Já vedes que não são só os ateus que negam a existência de Deus; são os próprios ministros da sua religião...

Diz-se que os padres e os crentes, não só mostram a sua pouca confiança em Deus, como às vezes põem até o poder do homem em plano superior... Ora não costumam fazer uma afirmação sem ter possibilidade de demonstrar a razão do que afirmam.

Quanto à primeira parte, ficou já suficientemente esclarecida a minha afirmação; vamos, pois, à segunda, ou seja a superioridade do poder do homem em relação ao poder de Deus.

Sabeis o que dizem os padres da origem dos cataclismos naturais: para eles, tudo são castigos de Deus, em tudo vêem o poder de Deus... Para aplacar as iras da divindade e evitar os seus castigos, aconselham as práticas religiosas, a oração, etc.

Muito bem; sabeis o que é a trovada, o raio? Para eles, o poder de Deus.

Sabeis também o que é o para-raios, invenção do homem; portanto, para nós o poder do homem.

Pois bem: o padre, em vez de confiar o poder de Deus a guarda dos seus templos e a sua protecção contra os perigos do raio, recorre ao poder do homem, e coloca no alto das igrejas o para-raios, afrontando assim o poder de Deus, e afirmando a superioridade do poder do homem!

Podeis constatar a verdade do que afirmo. E fazei a vós mesmos esta pergunta: Se os padres acreditassem na existência de Deus e no seu poder, precisavam de recorrer ao para-raios para evitar os perigos da trovada nos edifícios dos templos?

O poder do homem exerce-se pela ciência, através dos inúmeros inventos que tornam a vida mais amena, tirando da Natureza o máximo do que ela pode produzir de bom, e evitando, quanto possível, o que possa ter de prejudicial. Este é o poder real e palpável, através dos mil incidentes que cercam a nossa existência.

Enquanto ao que pretendo poder de Deus se exerce apenas por uma série de fantásticos castigos e milagres que os padres nos fazem imaginar, sem nos apresentarem bases que os justifiquem.

O poder criador da Natureza, é o resultado da constante evolução da matéria; e o homem, só o homem, com o seu poder inventivo e aperfeiçoador, cria novas formas para o que em princípio foi apenas o produto espontâneo da Natureza.

Não há aí nada de sobrenatural, nem de divino. Tudo é natural e humano.

P. Ferreira da SILVA

ATENÇÃO!!!

Vendem-se directamente das fábricas ao público lanifícios, assim como fatos por medidas em bons estambres desde 200, 250 e 300\$00.

Fatos feitos para homem em casimiras, em todas as medidas, desde 100, 120, 130 e 140\$00. Fatos feitos para rapaz desde 70\$00. Calças já feitas para homem em todas as medidas, desde 30, 35, 40 e 50\$00. Grande stock de casacos de senhora desde 80, 100, 120 e 140. Casa dos Lanifícios, Calçada do Combro, 72-74.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		9500
Madrid, cheque		531
Paris, cheque		577,5
Suiza, cheque		578
Bruxelas, cheque		573
New-York, cheque		1058
Amsterdão, cheque		784
Itália, cheque		84,5
Brasil, cheque		2532
Praga, cheque		58,5
Suécia, cheque		58,24
Austria, cheque		257
Berlim, cheque		465

Espectáculos de hoje

TEATROS

Teatro Nacional — A's 21,15. — Justiça!
Teatro S. Luís — A's 21. — La Riposte.
Teatro da Trindade — A's 21,15. — O sr. que se segue.
Teatro do Ginásio — A's 21. — O Caso do Dia.
Teatro Politeama — A's 21. — Os Filhos.
Teatro Apolo — A's 20,30 e 22,30. — Mourarias.
Teatro Avenida — A's 21,30. — O Pé de Salto.
Teatro Variedades — A's 8,30 e 10,30. — O Inferno.
Eden-Teatro — 20,30 e 22,30. — Sempre fixo.
Coliseu dos Recreios — A's 21. — Companhia de Circo.
Teatro Sálao Foz — A's 21. — Variedades.
Teatro Joaquim d'Almeida — A's 20 e 21. — Cinema e variedades.

CINEMAS

Tivoli — Todas as noites animatográfico.
Sálao Olympia — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatográfico e concerto musical. — Rua dos Condes.

Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO OURO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, correção e pulmões — Dr. Armando Nogueira — A's 5 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Fígado e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 13 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Urgência, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 10 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 31 horas.
Doenças das crianças — Dr. Emilio Palma — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Masso — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Erasmo Roma — 3 horas.
Eczema e doenças — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Cérebro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Raios X — Dr. Alceu Salgueiro — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriela Bento — 4 horas.

A VENDA A 11.ª SÉRIE

de "Os Mistérios do Povo"

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6000.

A obra mais barata que no género se publica

A GRANDE BAIXA

DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . 30/11
Sapatos em veludo . . . 30/11
Sapatos pretos (grande salto) . . . 30/11
Sapatos pretos (pequeno salto) . . . 28/11
Grande salto de botas pretas . . . 30/11
Botas de couro para homem . . . 30/11

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a Casa.

Veremos, pois, se a Social Operaria é a Social Operaria e não a Social Operaria.

10-24, com Filial na mesma rua, n.º 45.

FABRICA

cladidos, moscos, azulejos, cimento

GOARMON & C.

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki	6000
Como se forja um Mundo Novo	6000
Cuentos de Itália	6000
La vida de um Homem innecesario	6000
Wladimir Korolenko	6000
El Imperio de La Muerte	6000
Dr. G. Feydoux	10000
La vida tragica de los Trabajadores	10000
Jean Masestan	10000
La Educación Sexual	10000
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad	9900
E. Reclus	6000
La Montaña	6000
El Arroyo	6000
Octavio Mirbeau	6000
El Calvario	6000
P. Kropotkin	6000
La ética, la revolución y el Estado	6000
Luis Fabry	6000
Crítica revolucionaria	6000
H. Malatesta	6000
Idéario	6000
F. Dostoyevsky	9900
Los Hermanos Karamazov	9900
Trotsky. — Constitución política de la República de los Soviets	50
G. Williams. — O congresso da Internacional Sindical Vermelha	1900
C. de G. O. N. M. — Proclamação consciente	5900

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários — Preço 10000

Pedidos à administração de A BATALHA

Suplemento semanal

ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45000.

Encadernação (por capas e índice) 20500.

Capas e índice em separado, 15500.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3800.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6000.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6000.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

A EPOPEIA DO TRABALHO

POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras.

A venda nas livrarias, ao preço de 6500 e, à cobrança, de 7500.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poais de S. Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.ª — Lisboa — Portugal.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkimof. Preço 1550.

MADEIRAS DO BRAZIL

ADRIANO TELES, L.da

Escritório e Armazens na sua propriedade da

Rua de S. João da Mata, 114 a 118

TELEfone — T. 589

LISBOA

NOVA REDUÇÃO DE PREÇOS PARA LIQUIDAÇÃO DE "STOCKS"

Aumento de descontos nas mercadorias pagas no acto da compra

MADEIRAS para mobiliários, construções civis e navais e o afamado

CARVALHO DO AMAZONAS

(para vasilhame)

cujos excelentes resultados são bem conhecidos das fanoarias de Lisboa, Porto, Gaia e muitas outras localidades da provincia. deve fazer as suas compras sem primeiro consultar os preços e visitar os Armazens desta casa.

PORTANTO, fixem bem este nome:

ADRIANO TELES, L. DA

e este número:

TRINDADE — 589 (cinco, oito, nove)

NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS

sem consultar

UNIAO a Empresa de Limas União Tomé Feteira, L.da
Sede em VIEIRA DE LEIRIA
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras
EXPERIMENTAR É ADOPTAR — Visitem a nossa agência em Lisboa
Travessa do Fala Só, 9-B
TELEF. N. 3415

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Concurso para adjudicação da venda de lotaria da Santa Casa da Misericórdia,

na estação de Lisboa, Terreiro do Paço

Faz-se publico que no dia 10 de Fevereiro de 1927, pelas 13 horas, no Gabinete do Serviço Central do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, na estação do Barreiro, perante o respectivo engenheiro-chefe do Serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da venda da lotaria da Santa Casa da Misericórdia na estação de Lisboa — Terreiro do Paço.

Para ser admitido a este concurso, tem o concorrente de mostrar que effectou na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, o depósito provisório de Esc. 20500 (vinte escudos), depósito que será feito até 15 horas do dia 8 de Fevereiro de 1927.

A base de licitação é de Esc. 350500 (trezentos e cinquenta escudos).

O concorrente a quem a adjudicação for feita, reforçará no prazo de 5 (cinco) dias a contar da data em que lhe for comunicada a adjudicação, o seu depósito provisório até à percentagem necessária para prefezer 10 % da importância total da adjudicação.

Este reforço há-de realizar-se na mesma Tesouraria onde foi feito o depósito provisório e ficará à ordem desta direcção por intermédio da Caixa Geral de Depósitos, para onde será posteriormente transferida.

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secção de Tráfego e Reclamações — Palácio Coimbra, em Barreiro e na Secretaria da Direcção, Rua de S. Mamede, ao Caldas, número sessenta e tres, nesta cidade, onde poderão ser examinados em todos os dias úteis, das onze às dezasseis horas.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1927. — O engenheiro-director, Indício Pimentel.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de

RICARDO MELLA,

"IDEARIO"

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos:

Doctrina — Critica Social — Educação

Libertaria — Tactica — Evolução e

Revolução — Violência — Libertad y

Autoridad — Ensayos Filosóficos —

Idéias — Ideas Iconoclastas — Moral

Temas sociológicos — Pedagogia —

Vida Española — Homens Representativos —

Trabalhos Polémicos — Lecturas —

Fragmento Inédito.

Preço 15500 — Pelo correio 16550

Pedidos à Administração de

"A BATALHA"

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Assinatura: ano 30500; semestre 15500.

Número avulso 3500.

Redacção e administração — Empresa Literaria Fluminense, Limit. — R. dos Retozeiros, 125 — LISBOA.

A venda na administração de "A Batalha".

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na

barbearia de Fermo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

SECÇÃO DE LIVRARIA DE "A BATALHA"

PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização Social Sindicalista	3500
Antonelli. — A Rússia bolchevista.	2800
Cura Merlier. — A razão dum padre	5000
Dufour. — O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes).	8500
Emilio Bossi. — Cristo nunca existiu.	6000
Geo Williams. — Relatório dos delegados do I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou.	1500
Gustavo Le Bon	
As primeiras consequências da guerra.	8500
Ensinamentos psicológicos da guerra europeia.	8500
Leis psicológicas da evolução dos Povos (enc.).	6000
Guyau. — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção.	5000
Educação e Hereditariedade.	4500
Hamon	
A conferência da paz e a sua obra	8500
Ações da guerra mundial.	8500
O movimento operário da Grã-Bretanha.	5000
Psicologismo socialista-anarquista	5000
A crise do Socialismo	5000
A psicologia do militar profissional	5000
Henrique Leone. — O Sindicalismo.	4500
Heliodoro Salgado	
O culto da Imaculada.	10500
Jean Grave	
A sociedade futura	5000
O individuo e a sociedade.	4500
Joseph L. Ettor. — Unionismo Industrial.	
Julio Guesda. — Os lei dos salarios.	550
Justus Ehart. — Os lei W. W. na teoria e na pratica.	3500
Kropotkin	
Anarquia, sua filosofia e seu ideal	1550
A Grande Revolução (2 vol.).	10500
A moral anarquista.	550
Os bastidores da Guerra.	550
O Estado e o seu papel histórico	1550
Lazare. — A Libertade.	550
N. Lénine. — Os problemas do poder dos Soviets.	1550
O Estado e a Revolução.	4500
Landauer. — A Social Democracia na Alemanha.	550
Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo.	3500
Marx. — O Capital.	5500
Melchior Inehofer. — Monarquia jesuitica	3500
Nietzsche	
Artic-Cristo.	4500
Genealogia da moral.	4500
Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural	35
Georgicas.	
Tomás da Fonseca. — Sermones da Montanha.	2150
Concepção Anarquista do Sindicalismo.	3500
A greve dos inquilinos.	1500
Novikov. — A emancipação da mulher	4500
Pataut e Peugeot. — Como faremos a revolução.	4500
Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários.	1550
Sebastião Faure. — Doze provas da inexistência de Deus.	1550

A venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo. 550

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforge. 550

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva. 1550

Cartas politicas, por João Chagas, diversos numeros, cada exemplar. 1500

A Humanidade, por Taraf Javol. 1550

O Aboramento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin. 2500

Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchofer. 2500

Os gatos, por Fialho de Almeida, os tres primeiros numeros da 2.ª serie

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva. 2550

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas. 3500

A Religião da Humanidade, por José Augusto Corcica. 3550

A Filologia perante a História, por Nobre França. 5500

Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho. 3500

O que é o socialismo, por E. Soisson. 1550

Os direitos do Estado, por A. Levisse. 2550

O corpo humano, por A. Levisse. 2550

Gravidez e parto, pelo dr. Desvurmeaux. 1550

Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira. 2500

Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira. 1550

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais

Algebra elemental	13500
Arithmetica pratica	15500
Desenho linear geometrico	12500
Elementos de electricidade	30500
Elementos de fisica	12500
Elementos de Mecanica	12500
Elementos de Modelação	15500
Elementos de Projectões	12500
Elementos de Quimica	12500
Geometria plana e no espaco	13500
Fabricante de tecidos	13500

Mecânica

Torneio e Frezador mecânicos	15500
Desenho de máquinas	25500
Material agricola	13500
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor	13500
Problemas de máquinas	16500

Construção Civil

Acabamentos das construções	16500
Alvenaria e Cantaria	13500
Edificações	13500
Encanamentos e salubridade das habitações	13500
Material de construção	20500
Terraplenagens e alçobices	13500
Trabalhos de Carpintaria	16500

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas	20500
Foguetes	16500
Formador e estucador	12500
Fundidor	13500
Piloteagem	16500
Industria alimentar	12500
Industria do vidro	12500

Manuais de officios

Galvanoplastia	18500
Motores de explosão	20500
Navegante	16500
Cimento armado	25500

História Universal del Proletariado

«Vinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola encontra-se a venda na nossa administração, e é repleta de dados



O MOMENTO

A luta revolucionária que antecedeu teve início no Porto e que se mantém viva em combates intermitentes, onde a artilharia entra, segundo se diz, activamente em execução, com todo o seu poder destruidor, reflecte bem o estado de permanente conflito da sociedade portuguesa, estado que, sob vários aspectos, é comum aos restantes povos. Só os espíritos tímidos, só quem possua inconscientes noções da luta da humanidade, poderá admirar-se do que se está passando actualmente. Esta situação, por muito paradoxal que pareça, é natural, lógica e ninguém a poderia ter evitado.

Os acontecimentos têm causas especiais que os geram e conquanto nem sempre produzam iguais efeitos, são contudo filhos de origens semelhantes.

Este estudo não o têm querido fazer os homens que, por interesse e até dever, deveriam ser os primeiros a investigar essas causas.

Um sem número de factores contribuíram para a eclosão dos acontecimentos, factores que apresentando noutros países características diferentes, são origem também de idênticas lutas e o indicio seguro de futuras e profundas modificações.

Surge então a estranheza por estes factos muito naturais e em tal grau de gravidade, que os mais medrosos se assustam ao constata-los.

Enquanto, porém, a dor germinar no seio das sociedades e não se atinjam umas condições de vida onde a igualdade lhe sirva de base, analisaremos estes momentos que não tendo por objectivo transformações grandes, são contudo filhas desse sofrimento latente. São fases dessa grande batalha que a humanidade anda empenhada e que há de atingir o ponto culminante noutras conjunturas.

Que isto sirva de ensinamento aos indiferentes e aos que não querem ver, os mais infelizes dos céus...

A situação do proletariado

em Vila Real de Santo António

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 1. — Existem nesta vila numerosas fábricas de conservas de peixe, que actualmente estão paralisadas. Eram aos milhares os operários que nessas fábricas trabalhavam; agora, são poucas as famílias que se encontram sem meios de subsistência.

A situação torna-se devesa trágica, de batendo-se esta vila, grande centro industrial, numa pavorosa crise de trabalho.

Outras classes, como a marítima, a de construção civil, sofrem duramente as consequências da terrível crise.

São cinco mil operários que se encontram num regime de fome que atinge as proporções de catástrofe, sem que haja um gesto de revolta por parte das vítimas.

A pesar de sofrer a humilhante tutela do capitalismo falido, o operariado desta vila não se dispõe a organizar um sindicato de classe. Sofrem amargamente a situação crítica do desemprego com a mais resignada submissão, não erguendo um protesto contra as causas do seu mal.

Em vez de se insurgirem contra o capitalismo, os operários vão passando o tempo na taberna, remoendo a sua vida de escravos.

De organização, pois, apenas existe uma desmantelada associação de soldados, com uma diminuta inscrição de sócios e sem uma firme unidade orgânica.

O cataclismo industrial vai esmagando a massa operária, que se mantém na mais completa indiferença, sem se dispor a reivindicar os seus direitos à vida, inconsistente da força que naturalmente possui, enquanto o patrão vai aviltando e reduzindo a miséria absoluta.

Necessário se torna uma activa propaganda que erga o operariado do marasmo, levando-o a constituir a sua organização de classe que seja um baluarte inexpugnável em que os seus direitos sejam respeitados.

Aos assinantes

Muitos dos nossos assinantes têm mostrado o desejo de que procedamos, mensalmente, à cobrança das suas assinaturas e outros prontificam-se a enviar a respectiva importância directamente à administração, devido às dificuldades que têm para proceder ao pagamento dos recibos por habitar em sítios onde isso se lhes torna dispendioso. Como vamos proceder à cobrança do mês que findou, chamamos a atenção dos nossos assinantes nas circunstâncias referidas e aguardamos que, todos, façam, prontamente, o pagamento das suas assinaturas por intermédio do recibo de cobrança ou enviando a respectiva importância pela forma que se lhes torne mais viável.

A ADMINISTRAÇÃO

O estrangeiro através do telegrafo

A política imperialista

Um discurso do sr. Briand

PARIS, 4. — Falando perante a comissão senatorial dos negócios estrangeiros, o sr. Briand declarou que as relações franco-italianas melhoraram bastante, fazendo desaparecer todas as nuvens que se haviam criado entre os dois países. Falando da questão da China, o ministro dos Negócios Estrangeiros declarou que a França não atentará de forma alguma contra a integridade chinesa, cuja independência, pelo contrário, facilitará, chegando o respectivo momento. O sr. Briand terminou as suas declarações afirmando que a situação actual da França com as suas alianças, as suas amizades, o seu exército e o seu bom senso, permite encarar o futuro com inteira confiança. — (H.)

Um discurso do sr. Delabarre

HAVANA, 4. — O presidente da República de Cuba, sr. Delabarre, numa entrevista concedida a um jornal mexicano, declarou estar convencido que será calorosamente acolhido pela opinião mundial o alvitre de uma grande união de representantes de todas as repúblicas sul-americanas em que se assentassem nas bases de uma aliança contra qualquer ataque aos seus direitos de países independentes. — (L.)

Um discurso do sr. Sacasa

MANAGUA, 4. — O presidente revolucionário da Nicarágua, sr. Sacasa, dirigiu ao gabinete de Washington um ultimatum exigindo a retirada imediata dos territórios daquela república das tropas norte-americanas sob pena de represálias sobre os cidadãos dos Estados Unidos ali residentes. — (L.)

O que faz a Sociedade das Nações

GENEVA, 4. — A comissão dos estupefacientes terminou os seus trabalhos aprovando o respectivo relatório que será apresentado em Março à Sociedade das Nações, o qual contém várias informações acerca do tráfico de ópio e outras drogas, nas Américas do Sul e Central. — (L.)

Cooperação franco-alemã

BERLIM, 4. — Por iniciativa do Instituto de cooperação intelectual os componentes da união dramática alemã vão em Junho próximo a Paris, tomar parte no festival teatral internacional, voltando mais tarde à capital de França, acompanhados da elite dos artistas germanicos. — (L.)

Uma gentileza significativa

BELOGRADO, 4. — O município de Belgrado deu o nome de França à maior rua da capital. — (L.)

As pacíficas intenções da França...

PARIS, 4. — Na sua exposição à Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado, o sr. Briand declarou também, que graças ao acordo de Locarno, a fronteira do Reno reconhecida pela Alemanha garante a completa segurança dos Aliados. Noutro ponto das suas considerações, o sr. Briand afirmou que a França quer a paz mas não despreza a organização da força material necessária para consolidar a sua força moral. — (L.)

Para bom fim...

TIRANA, 4. — O general italiano Cantecchia iniciou a reorganização do exército albanês.

Afirma-se que a Itália se propõe financiar a Albânia em troca de várias concessões entre as quais se contaria a expulsão das minorias anti-italianas.

O orçamento do estado albanês eleva-se actualmente a 12 milhões de francos-ouro, dos quais cinco milhões são anualmente destinados ao pagamento de empréstimos contraídos na Itália. — (L.)

O governo alemão e os acontecimentos à sua volta

BERLIM, 4. — Durante o debate político de apresentação do governo no Reichstag deu-se um incidente provocado pelo líder dos conservadores, conde de Westarp, que atacou violentamente certas passagens da declaração ministerial, principalmente nos pontos referentes à política externa.

A certa altura do discurso o sr. Stresemann, indignado, levantou-se e saiu da sala. A sessão foi interrompida por manifestações variadas e os ministros conservadores, reunindo-se numa sala dos salões do Reichstag, foram procurar pouco depois os srs. Marx e Stresemann, a quem declararam não concordar com a doutrina defendida pelo sr. Westarp. Só então a sessão foi reaberta, continuando o debate.

A imprensa berlinense mostra-se, em geral satisfeita com a organização do novo governo, mas duvida da sua duração.

O debate político continua no Reichstag. No decurso do debate político, democráticos, socialistas e comunistas apresentaram moções de desconfiança ao governo. — (L.)

BERLIM, 4. — Depois da leitura da declaração ministerial, o sr. Muller afirmou no Reichstag que os socialistas combaterão o novo gabinete Marx.

O conde Westarp falou em nome do partido nacionalista declarando que os acordos de Locarno e adesão da Alemanha à Sociedade das Nações constituem as bases da política alemã.

Os nacionalistas, prosseguiu o orador, desejam uma política de recíproca reconciliação, e não abandonando, porém, as suas convicções monarchicas, protegendo, contudo, a constituição e a unidade do Estado.

O conde Westarp preconizou seguidamente a evacuação da Renânia e do Sarre, e a continuação das relações germano-russas.

O sr. Scholtz felicitou a nova coligação governamental e considerou a entrada da Alemanha na Sociedade das Nações como melhor garantia de política de paz e de "entente". — (L.)

LONDRES, 4. — O Manchester Guardian diz que a segurança da república alemã está garantida enquanto durar a actual coligação política, pois Marx colocou clara-

A preparação revolucionária do jovem

Conquanto exista a organização da Juventude Sindicalista com a missão de preparar o seu desenvolvimento intelectual, moral e revolucionário, essa preparação não se verifica como seria mister, visto o número reduzido de jovens que à sua frente se encontra, não poder, embora estejam animados da melhor boa vontade, dar cumprimento cabal a essa missão.

Tem as Juventudes no seu seio, operários que, possuídos duma grande vontade de trabalhar, não adquiriram porém, ainda os necessários conhecimentos para os transmitir aos seus camaradas. Disso não são eles os responsáveis, porque os indivíduos que a tal problema deveriam atender, dele se desinteressam por completo.

Devem os militantes da organização operária prestar toda a solidariedade à juventude, visto possuírem já uma mentalidade revolucionária e melhor poderem desenvolver junto dela a sua acção, para que se obtenham os resultados desejados.

Quando o jovem dá ingresso na organização juvenil, fia-lo por um espírito de revolta contra a tirania de que é vítima e com o intuito de se preparar para que numa acção comum com os restantes trabalhadores possa combater essa situação contribuindo para a revolução emancipadora, destruindo o regime de opressão que o sufoca.

Se constataremos a falta de solidariedade da maioria dos militantes para com a juventude, ela verifica-se também por parte do operário para com o jovem, na oficina, o qual em vez de o esclarecer devidamente, indicando-lhe o melhor caminho para a defesa da sua situação, demonstrando-lhe o valor da solidariedade, que deve existir entre todos os trabalhadores, na maioria dos casos o contrário, maltratando o aprendiz, não conversando com ele a não ser ordenando-lhe serviço, e muitas vezes superior às suas forças, quando o devia auxiliar; dirige-lhe por vezes palavras insultuosas, não se importando com a situação deprimente e desumana que esse jovem atravessa.

Tudo o operário conhece a situação do jovem ao ser atirado para os campos, fábricas e oficinas. Quando devia estudar é obrigado a procurar trabalho, devido à má organização da actual sociedade que, obriga o pai a enviar os filhos para a oficina por não poderem manter na escola — falta de meios — e nem sequer podem escolher conscientemente a profissão que preferia, dando-se por esse facto, muitas vezes, os jovens serem desviados das profissões para as quais tinham inclinação e exercerem as que não se coadunam com o seu temperamento, habilidade e gosto.

O operário, tem o dever de acarinhar o jovem, prestando-lhe a sua solidariedade, demonstrando-lhe os defeitos da presente sociedade, onde os filhos dos ricos, que nada produzem, gozam de tudo quanto é bom e podem frequentar as escolas e liceus, o tempo que lhes aprobever e os filhos dos trabalhadores, são os que mais direito têm a gozarem o produto do trabalho dos seus ascendentes, são forçados a trabalhar desde tenra idade, sem poderem ter a necessária instrução por os pais não ganharem o suficiente para os alimentar e contribuir com tudo quanto é preciso para os fazer uns verdadeiros homens.

mente a Paz e a Constituição acima dos partidos.

Se a política de desarmamento moral for coroada de êxito, Marx merecerá a gratidão, não só da Alemanha como de todo o mundo, escreve o mesmo jornal. — (L.)

PARIS, 4. — A imprensa parisiense, apreciando a declaração ministerial lida no Reichstag pelo chanceler Marx, diz que ela é um documento altamente histórico, pois pela primeira vez se fazem afirmações concretas sobre a manutenção da república na Alemanha e da paz.

L'Echo de Paris reserva, no entanto, a sua opinião, em virtude da afirmação do conde de Westarp de que não será possível um completo acordo franco-germânico enquanto a Renânia estiver ocupada. — (L.)

A Inglaterra perante a China

LONDRES, 4. — Segundo as informações recebidas nesta capital, todo o continente europeu aposta a atitude assumida pela Inglaterra em face da situação na China.

Na comissão parlamentar francesa dos negócios estrangeiros, esta atitude foi considerada como o único caminho a seguir, pois era impossível obter a unificação das potências ocidentais, antes de tentarem as negociações, sendo ainda impossível que a Inglaterra abandonasse os seus grandes interesses comerciais na China sem defesa.

A imprensa parisiense aprova este ponto de vista, especializando "L'Ouvrier", que é o órgão das esquerdas.

Quanto à atitude do governo italiano, espera-se que ele aceite o memorando, cuja publicação se anuncia para breve, e, entretanto, a imprensa verifica a necessidade da Inglaterra enviar tropas para a China, apenas no direito de protecção das vidas dos seus súbditos, afirmando ainda ser urgente o aumento das forças navais italianas nas águas chinesas.

Relativamente à atitude dos Estados Unidos, importantes forças se encontram concentradas em Guam e nas Filipinas, prontas para qualquer necessidade.

Vários membros do governo e outros estadistas pronunciaram ontem diversos discursos apreciando a atitude de Eugene Chen, o ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de Cantão, demonstrando os esforços feitos pela Inglaterra para concluir as negociações sem afectar a unidade chinesa, aliás bem comprometida pelas fortes divergências entre norte e sul.

O gabinete prosseguiu esta tarde o exame da situação na China depois da recusa de Chen a assinar o projecto de acordo sobre o estatuto das concessões de Hankow e Kiukiang, estando reunido durante três horas. — (L.)

A guerra na China

LONDRES, 4. — O ministro cantonense Chen enviou uma mensagem ao Partido Trabalhista inglês solicitando-lhe a sua intervenção para um acordo com o governo britânico, única forma — afirma o documento — de evitar a ruína comercial da Grã-Bretanha no extremo oriente. Afirma-se que o governo britânico está disposto a desbarcar mais forças em Hong-Kong. — (L.)

Demonstrar a situação que o jovem vai atravessar e que os seus antepassados também atravessaram devido à falta de solidariedade dos trabalhadores, que em vez de se organizarem e educarem revolucionariamente, não o fazem, resignando-se a uma situação criada, não profundando a nenhuma razão por parte do patrão de explorar o trabalho alheio, que além de desfrutar o produto do seu trabalho, desfruta também o de seus filhos.

Dar exemplos morais, como o de ser sindicalizado no seu sindicato profissional, dizendo-lhe que além desse organismo há um outro, onde o jovem se pode educar mentalmente, que é a Juventude Sindicalista, porque o mau estar dos trabalhadores só desaparecerá quando todos tiverem compreendido a sua missão e se tenham comprometido com os seus deveres de produtores, isto é, organizarem-se em sindicatos profissionais e educando-se num ideal superior de igualdade e abnegação.

Nessa altura poderão, então, dizer ao patrão que jamais deveres sem direitos, e que o mesmo só tem razão de existir quando produza e não viva à custa do trabalho dos outros, pois que a natureza não designou que uma parte da Humanidade visse do trabalho da outra.

No dia em que o operário assim proceder podemos ter a certeza da existência duma organização juvenil forte e uma juventude mentalmente revolucionária. Será um grande passo para o desaparecimento das instituições burguesas, visto que, em vez dum contingente de revoltados, temos um contingente de revolucionários.

O militante operário deve esclarecer o jovem da função deletéria do Estado, legitimo representante da burguesia, defensor da casta privilegiada contra os explorados, que são todos os trabalhadores; faz leis em nome do povo, que só servem para o explorar, que mantém um exército composto por trabalhadores, arrancados ao trabalho útil, deixando as famílias na miséria, com o único fim de defender a classe burguesa, levando-o a assassinar os seus camaradas trabalhadores e os seus próprios irmãos se o Estado a isso os obrigar, por reclamarem mais pão.

Tendo o Estado esta função, necessário se torna que todos os trabalhadores, jovens e não jovens, criem uma forte consciência, porque só quando ela se constatar poderão fazer desaparecer esse Estado, e com o seu desaparecimento desaparecerá a burguesia.

E, pois, o que entendemos que o operário deve dizer ao jovem, quer nos locais de trabalho ou onde se encontre, dando-lhe toda a solidariedade e tratando-o com simpatia, tendo em conta a sua tenra idade, pois são eles os grandes obreiros do futuro, encaminhando-os para a verdadeira transformação da sociedade, onde a exploração do homem pelo homem acabe.

Se o que expomos for iniciado e ampliado, heimos de concluir que, num período relativamente curto, teremos uma juventude conscientemente revolucionária, e para que tal se verifique podem contar com os poucos conhecimentos do autor destas linhas.

Apelo, ao mesmo tempo, para os restantes militantes da organização operária, para que contribuam para a preparação da juventude.

Manuel Henriques RIJO

A vida burguesa

O governo alemão

BERLIM, 4. — Na declaração ministerial, o chanceler Marx sublinha o acordo entre todos os ministros para o reconhecimento da legalidade da forma republicana e afirma que velará rigorosamente por a «Reichswehr» seja subtraída às lutas políticas.

O governo continuará a precedente política externa, no sentido dum entendimento cíclico, afirmando o sr. Marx que a política alemã se caracteriza, depois do fim da guerra, pela renúncia à ideia de revanche, mas que a manutenção da ocupação da Renânia poria em perigo o desenvolvimento favorável das relações franco-alemãs. — (H.)

A reforma eleitoral francesa

PARIS, 4. — O ministro do Interior sr. Sarraut, assegurou aos «leaders» dos diversos grupos parlamentares que a discussão da reforma eleitoral se realizará antes das férias da Páscoa, e que o governo deixará à câmara absoluta liberdade para introduzir na respectiva proposta todas as emendas que tendam a melhorá-la.

Ajunto então o ministro que o governo não porá sobre o assunto a questão de confiança.

Concretizando depois, o espírito da proposta, o sr. Sarraut disse que se pretende eleger três deputados por cada departamento, e quando a população destes for superior a 100.000 habitantes, será eleito mais um deputado por cada fracção de 100.000. — (L.)

A actividade da aviação

Duas arrojadadas tentativas

LONDRES, 4. — O capitão Malcolm, no seu «Napier» de 450 cavalos de força, bateu hoje em Camarshamshire os «records» mundiais do quilómetro e da milha por hora, e a segunda à de 174.224 milhas em automóvel, cobrindo o primeiro à velocidade de 174.840 milhas por hora.

O anterior «record» da milha pertencia a Paray Tomas, com 170.624 milhas por hora.

O capitão Hanchelliffe, com um passageiro e um mecânico, realizou hoje um notável voo de Cherburgo a Croydon, cobrindo o percurso em 76 minutos.

Em virtude da rapidez exigida pelo passageiro, o avião não seguiu a habitual linha da costa francesa, obtendo uma redução de cerca de 100 milhas, tendo atravessado o intenso nevoeiro do canal da Mancha.

O voo foi realizado num aparelho terrestre e não poderia baixar no canal, se a isso se visse necessitado. — (L.)

Solidariedade

Comunica-nos o operário José Guerreiro que recebeu do seu camarada Afonso Branco a quantia de \$550 e de Jaime Bernardo a quantia de 45\$35.

O FEMENISMO E A MULHER PROLETARIA

A enérgica atitude das damas inglesas na reivindicação do direito do sufrágio tem ultimamente chamado todas as atenções para o feminismo.

O movimento das sufragistas britânicas é sem dúvida simpático a todos os revolucionários sociais, embora anti-parlamentares, não só pela activa energia que elas empregam e sem a qual nem ouvidas seriam, mas ainda porque, aos olhos dos que têm em vista a emancipação do ser humano e a abolição de todos os privilégios, muito legitimamente reclamam as mulheres os direitos, verdadeiros ou ilusórios, concedidos aos homens.

Esses direitos não são, aliás, inteiramente ilusórios para a classe de mulheres que os reclama, embora não tenham valor para as operárias. Porque o feminismo das sufragistas é um feminismo burguês, que pode entusiasmar as senhoras das classes médias e mesmo as aristocratas, mas não interessa a mulher pobre, para quem as reivindicações feministas, consignadas em leis, não representariam aumento algum de possibilidades económicas e de liberdade efectiva.

As feministas reclamam o voto, a abolição de certas incapacidades jurídicas, o termo da sua inferioridade legal na família, a admissão a certas funções públicas e profissionais — e não as há até que pretendem exercer o dever (ou o direito?) de servir no exército, como se não fosse suficiente, para essas damas, a desorganização causada nas famílias pobres pelo militarismo e pela fábrica, e... o «patriótico» e abundante esforço das proletárias na procriação e criação de soldados para a «pátria»...

Ora, que importam esses direitos à mulher pobre? Tanto como às feministas burguesas as reivindicações das operárias, as greves que estas são obrigadas a fazer a cada passo, com a solidariedade dos trabalhadores, não das damas, as penas, vexações e explorações de que são vítimas...

O sufrágio tem valor para a burguesia de ambos os sexos, sobretudo para os pequenos burgueses, eleitores ou ilegíveis, pois que, pelo seu número e pela sua relativa independência económica, têm grande força eleitoral e podem esperar vantagens sensíveis de certas reformas legais, de medidas tributárias, das situações burocráticas. Mas as operárias — como os operários

— só podem confiar na sua força de trabalho e na sua união.

Perante o código civil, a dama tem com efeito direitos a fazer valer, inferioridades a suprimir, interesses a salvaguardar. Mas a pobre? Que dote, que propriedade, que interesses tem ela? Casada ou amancebada a sua situação é a mesma, iguais as suas garantias. Nada tem que defender. O mesmo sucede aos filhos. A lei nada lhes pode dar.

A mulher operária está em perfeito pé de igualdade com o companheiro: não lhe é inferior. São ambos inferiores ao patrão, estão ambos julgados à mesma canga. E a igualdade na pobreza e na escravidão, e também a estreita solidariedade que desse facto resulta.

A indústria moderna vai arruinando cada vez mais o lar operário, desfazendo a família pobre, à qual a fábrica arranca a mulher. Nos grandes países industriais são aos milhões — perto de seis, na Inglaterra — as mulheres absorvidas pela oficina, ao lado de crianças de 8 ou 10 anos para cima.

E certo que as suas condições de salário e de trabalho são inferiores às dos homens. Mas nesta desigualdade não têm interesse nem responsabilidade os seus companheiros de labuta, mas sim o patronato, composto de damas e cavalheiros.

Para extinguir essa desigualdade, as operárias não precisam de fazer feminismo mas luta de classes; não têm de lutar contra os homens, mas sim contra os patrões dos dois sexos. E nessa luta têm a solidariedade dos companheiros, tanto ou mais interessados do que elas na elevação dos salários femininos para atenuação da concorrência e fortalecimento da resistência operária.

Façam, pois, as damas do seu pequeno feminismo: a mulher proletária, por seu lado, pela própria força dos factos, caminha de mãos dadas com o seu companheiro para uma emancipação que abranje todas as outras e que não fará distinção entre os sexos.

Ao operário consciente da necessidade dessa emancipação cumpre esforçar-se por trazer para a vida activa do militante, do sindicato, do propagandista, todas as mulheres que puder influenciar.

Neno VASCO

O TIPO UNICO DE LIXO

O pão vendido ontem em Lisboa era mal cozido, azedo e de aspecto repugnante

Que o pão tipo único seria o pão tipo de lixo disse-mo-lo no primeiro dia que se anunciou o actual regime. E não nos enganámos. Infelizmente, em quatro dias de tipo único, a experiência foi para nós bastante dolorosa. A Moagem forneceu-nos um pão mal cozido, azedo e de aspecto repugnante.

O diagrama fixado no actual decreto não foi respeitado. Foi-se até mais longe, cometendo-se um crime revoltante: adicionou-se ao farelo e glute toda a poeira e a imundície que a Moagem armazenava.

O poderoso feudo para esmagar a aspiração justíssima da população deu-lhe um pão asqueroso para o convencer que o regime único é o regime do lixo e da imundície.

A Moagem lançou o povo contra o decreto porque ele não lhe convém. Perguntará o leitor: mas o regime de tipo único não agrada à população?

Não é disso que se trata. O tipo único é uma velha aspiração dos que trabalham. Havendo só um estômago não se concebe que haja três ou quatro tipos. O que se exige é que exista um tipo de pão saudável que não nos envenene lentamente.

Mas é isso que não convém à Moagem. A Moagem sempre teve conveniência em nos impingir o que não presta e vender por bom dinheiro o que não envenena.

Eis o que interessa ao fatídico feudo de Carlos Reis e Castanheira de Moura.

Pior do que o pão que o diabo amassou

Um dos nossos redactores percorreu ontem de manhã a cidade, escolhendo os bairros mais populosos para um trabalho de investigação. Os acontecimentos revolucionários, embora despertassem certo interesse na população, não a fizeram esquecer da má qualidade de pão e das dificuldades da sua aquisição.

Sim, porque ontem em algumas padarias começou faltando o pão e aquele que aparecia era de péssima qualidade — de qualidade que repugna aos cães.

Uma passagem pelo bairro de Alcântara deu-nos uma impressão desagradável da tragédia da numerosa população do bairro. O pão nas padarias do sítio é mau. Num desses estabelecimentos vendia-se pão que exalava um cheiro a azedo.

A sr.ª Angelina das Dores, com quem falámos à porta dessa casa, disse-nos num tom de íntima revolta:

— O pão tipo único que a Moagem agora nos impinge é pior do que o pão que o diabo amassou. Esse ao menos era duro. Não continha, porém, as impurezas que tem este — e com o indicador apontava para o pão que levava no regaço — destinado aos meus filhos.

E a narrativa prosseguiu:

— Calcule o senhor que os meus filhos, apesar de pobres, rejeitam o pão. Ontem quando lhes dava com o café uma bucha eles devolviam-na. Disseram-me que sabia mal.

A concluir:

— Quando se principiou a falar no tipo único eu julgava que se tratava de um pão bom, que se comia sem repugnância. Mas assim! Deus nos livre de semelhante peste...

Nas padarias do bairro o côro de lamentações era o mesmo:

— O pão não presta! O pão é azedo! O pão é intragável!

Todos os mesmos ladrões

Transitámos para outro bairro: o de Cam...

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de Redidos a administração de A Batalha, casa. Preço 2\$500; pelo correio, 2\$550.